

EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO COM CRIANÇAS A PARTIR DA INSERÇÃO DE PRÁTICAS CINECLUBISTAS NA ESCOLA PÚBLICA

Patrícia Medeiros de Araújo¹

Maria Reilta Dantas Cirino²

RESUMO

Embora não esteja oficialmente inserido no currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental, o ensino de Filosofia revela-se fundamental por contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da argumentação e da criação de um ambiente escolar pautado na confiança e na afetividade. Neste sentido, este projeto de pesquisa, desenvolvido no Mestrado Profissional em Filosofia – Prof-Filo/Núcleo Uern/Campus Caicó, pretende investigar experiências de pensamento com crianças a partir da inserção de práticas cineclubistas associadas ao movimento teórico-prático de Filosofia com Crianças. Tal proposta será desenvolvida com educandos do 3º Ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante, localizada no município de Caicó-RN, na perspectiva de envolver as crianças, através da filosofia, na construção de relações reflexivas sobre si mesmas e sobre o mundo. A fundamentação teórico-prática apoia-se nas contribuições da Proposta de Filosofia para Crianças-FpC, criada pelo filósofo Matthew Lipman (1990, 2001), e da inspiração no movimento de filosofia com crianças, coordenado por Walter Kohan (2000, 2012). A pesquisa em questão é de natureza qualitativa com base metodológica na Pesquisa-ação (Thiollent, 2011) e terá como procedimentos de construção de dados: observações e registros coletados durante as experiências de pensamento com crianças conforme o desenvolvimento das ações filosófico-educativas através das práticas cineclubistas a serem vivenciadas em um cineclube na escola, construído em processo pela professora-pesquisadora e pelas crianças participantes da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Uern já aprovou o estudo, com previsão para começar as atividades filosófico-educativas em novembro de 2025. Assim, acreditamos que as práticas cineclubistas têm um grande potencial para proporcionar experiências de pensamento com crianças no contexto do movimento de filosofia com crianças, incentivando-as a questionar, analisar e refletir sobre várias questões filosóficas que surgem no ambiente escolar.

Palavras-chave: Filosofia com Crianças, Experiências de Pensamento, Práticas Cineclubistas, Cineclube.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Pedagogia/UFRN. Mestranda no Mestrado Profissional em Filosofia - Prof-Filo/Núcleo Uern/Campus Caicó. Membro do Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica – GP-EAEB/CNPq/Uern. Professora Efetiva da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante/Caicó/RN. E-mail: cucanjo@yahoo.com.br

² Doutora em Educação/UERJ. Mestre em Educação/UFRN. Professora Adjunta IV/Uern/DFI, Campus Caicó. Professora Permanente do Mestrado Profissional em Filosofia – Prof- Filo/Núcleo Caicó-Uern. Líder do Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica – GP-EAEB/Uern. E-mail: mariareilta@hotmail.com.



Ao mergulharmos no mundo do cinema, somos capazes também de aprender por uma perspectiva de formação humana, considerando as infinitas possibilidades de promoção e contemplação de valores políticos, estéticos e éticos envolvidos na linguagem cinematográfica, apresentados a nós através dos filmes. Então, percebemos como a linguagem cinematográfica vai além da imagem e nos mostra indagações antes, durante e pós-exibição, nos convidando a pensar.

Assim, o cinema e sua linguagem adentram os espaços educativos, sendo utilizados como instrumentos de intervenção pedagógica, não somente como entretenimento ou como um coadjuvante educacional, mas como um recurso gerador de discussões nas instituições de ensino, pois a “[...] relação cinema e educação pode ser analisada em um contexto mais amplo, que envolva metodologias que tornem essa experiência parte integrante do currículo escolar” (Menezes, 2017, p. 23), promovendo reflexões sobre inquietações individuais e coletivas.

A pesquisa intitulada “Experiências de pensamento com crianças a partir da inserção de práticas cineclubistas na escola pública” se justifica pelo interesse em investigar experiências de pensamento com crianças por meio das práticas cineclubistas a serem desenvolvidas com crianças, com faixa etária entre 08 (oito) e 09 (nove) anos, do 3º Ano do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante, no município de Caicó–RN, tendo em vista criar condições e possibilidades para as crianças construírem relações reflexivas sobre si mesmas e o mundo.

Com o propósito de desenvolver entre as crianças experiências de pensamento, será criado no espaço escolar da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante um cineclube, no qual os alunos da turma mencionada realizarão diálogos filosóficos sob a perspectiva teórico-prática do movimento de filosofia com crianças, coordenado por Walter Kohan.

A pesquisa tem como base principal de pesquisa os fundamentos teóricos e metodológicos da Proposta de Filosofia para Crianças-FpC, criada pelo filósofo Matthew Lipman e da inspiração teórico-prática do movimento de filosofia com crianças, coordenado por Walter Kohan. Embora ambos os filósofos defendam a importância da prática filosófica entre as crianças nas instituições educativas, percebemos como o modo de se fazer filosofia entre crianças apresenta particularidades e sutilezas distintas.

A Filosofia com Crianças, pensada por Kohan (2012), baseia-se nas experiências vivenciadas na escola pública através do projeto intitulado “Em Caxias a Filosofia en-caixa?”, projeto este desenvolvido desde 2007 através do Núcleo de Estudos de Filosofia e Infâncias–





Nefi/UERJ, junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro–UERJ, cujo objetivo foi o de formar pessoas críticas e criativas com o compromisso de transformar a realidade social e individual dos envolvidos, como também, mediante a prática do ensino de filosofia com crianças em escolas públicas.

Além disso, a proposta favorece o aprimoramento das habilidades de comunicação por meio do diálogo filosófico, promovendo a capacidade de expressar ideias de forma clara e coerente, bem como para a construção de relações reflexivas sobre si e o mundo.

Embasadas pelo movimento de filosofia com crianças, articularemos a criação e execução nos muros da escola de um cineclube, que, por intermédio de suas práticas cineclubistas, desenvolva diálogos significativos através da exibição de filmes para os educandos do 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante, instituição de ensino público na cidade de Caicó–RN, na qual a professora-pesquisadora exerce a função docente junto às crianças.

Portanto, despertar por meio das experiências de pensamento um pensar filosófico desde a infância tem o potencial de motivar as crianças a perceberem o ambiente escolar como um lugar que deve “[...] ser tomado como um espaço privilegiado de aprendizagens mútuas, de ousadias e de ressignificações; um espaço fomentador da cidadania [...]” como propõe Silva (2007, p. 25).

Contudo, consideramos que a presente pesquisa tem o potencial de criar as condições de possibilidades de experiências de pensamento com crianças, incentivando-as a questionar, analisar e refletir sobre diversas questões essenciais tanto no âmbito escolar quanto no contexto de suas relações pessoais a partir de sua inserção nas práticas cineclubistas.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão é de natureza qualitativa, na qual Creswell (2014) fundamenta que na pesquisa qualitativa o pesquisador é aquele que pesquisa as informações, uma vez que o mesmo passa a viver a pesquisa, observar fenômenos do contexto e a produzir respostas para o problema a partir da investigação, tornando-se útil à interação entre pesquisador e pesquisados.

Entendemos neste trabalho a pesquisa qualitativa como um recurso “[...] que, apesar dos riscos e dificuldades que impõe, revela-se sempre um empreendimento profundamente instigante, agradável e desafiador [...]” (Duarte, 2002, p. 140).

A pesquisa terá como norte metodológico a pesquisa-ação, descrita por Thiolent (2011, p. 201), como “[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e



realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”.

O autor aborda a pesquisa-ação que dialoga epistemologicamente com o construtivismo social, interligando conhecimento e ação. Dessa forma, o método apoia aspectos sociopolíticos e tem uma ênfase empírica que foca na ação transformadora para a resolução de situações problemáticas.

A escolha do método pesquisa-ação se dará no sentido de investigar experiências de pensamento com crianças a partir da inserção de práticas cineclubistas associadas à proposta teórica da Filosofia com Crianças.

Utilizando-se para a construção dos dados os procedimentos de análise documental, observações, fotografias, questionário e gravações em áudio, para posterior transcrição e análise pela professora-pesquisadora mediante autorização dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, com o intuito de alcançar os objetivos estabelecidos pela pesquisa.

O lócus da pesquisa acontecerá na Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante, em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, na qual estão matriculadas 13 (treze) crianças, sendo estas 09 (nove) do sexo masculino e 04 (quatro) do sexo feminino, com faixa etária entre 08 (oito) e 09 (nove) anos.

A pesquisa acontecerá na escola, no contra turno, com a realização de 07 (sete) encontros entre a professora-pesquisadora e as crianças participantes da pesquisa, tendo periodicidade semanal. Nos encontros, ocorrerá uma oficina explicando o que é um cineclube, duas exibições dos filmes escolhidos pelos alunos, respeitando a classificação etária, e quatro rodas de conversas em experiências de pensamento a serem realizadas com as crianças, a partir das práticas cineclubistas.

Contudo, será respeitado o desejo de não participação de alguma criança se assim ocorrer e/ou se os pais ou responsáveis não autorizarem a referida participação.

Os encontros serão fotografados, gravados em áudio, transcritos e analisados pela professora-pesquisadora mediante as contribuições teóricas dos autores/as identificados no referencial teórico dessa pesquisa, fundamentada nas ideias dos filósofos Matthew Lipman e Walter Kohan desencadeando nos alunos a vontade e a motivação para vivenciar experiências do pensamento a partir da inserção de práticas cineclubistas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, a relação entre filosofia e crianças caracteriza-se, predominantemente, como estranhamento e negação. Desde o Período Clássico, as crianças eram consideradas

frágeis, fisicamente fracas, incompletas física e moralmente incapazes de tomar quaisquer decisões importantes e nem participar da vida pública. Kohan (2008, p. 12).

Essa perspectiva negativa da filosofia em relação à infância prevalece durante toda a antiguidade. No entanto, a partir da década de 1960, surgem novas abordagens que promovem uma relação mais positiva entre a filosofia e as crianças. Essa mudança ganha destaque especialmente quando o filósofo norte-americano Matthew Lipman passa a enfatizar a importância de uma educação filosófica que comece na infância. (Lipman, 1990).

Contrapondo-se à tradição de negação da relação de filosofia e crianças, surge na década de 60, nos Estados Unidos, um importante nome a ser destacado em relação à filosofia e às crianças, é o de Matthew Lipman ao fomentar a ideia de que “[...] a filosofia pode ser compreendida como um processo de libertação.” (Kohan; Wuensel, 1998, p. 18) e esta libertação contribui para as crianças pensarem por elas mesmas, fazendo parte do legado deixado pela história da filosofia ocidental.

Além de defensor de uma filosofia a ser vivenciada pelas crianças, Lipman (1990) também lutou pela causa de um ensino de filosofia nas instituições educativas.

Movido por uma preocupação com a falta de interesse dos jovens universitários nas aulas de Filosofia e decepcionado com o insucesso da educação tradicional (Lipman, 1990). Com o objetivo de promover o raciocínio e as aprendizagens dos alunos, Lipman (1990) desenvolveu um audacioso projeto para introduzir a filosofia nas escolas de 1º grau por meio do Programa de Filosofia para Crianças (PFpC). Segundo o autor, o programa iria preencher as lacunas evidentes no ensino e resolver o paradigma reflexivo na prática educativo-crítica.

De acordo com Lipman (1990), o saber pensar é crucial na escolaridade das crianças, sendo importante a inserção da filosofia nas salas de aula durante a infância, para as crianças conseguirem cultivar um pensamento crítico, reflexivo e investigativo.

A partir dos anos 2000, diante das problemáticas e das brechas deixadas pela FpC, Kohan (2008; 2012) nos apresenta outra alternativa teórica e prática de aproximação entre filosofia e crianças, a ser conhecida como filosofia com crianças, um movimento que iniciou na Universidade de Brasília-UnB, mas ganha amplamente contorno na Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ (Cantalice; Cirino, 2023).

O movimento de filosofia com crianças é, para Kohan; Olarieta, (2012), um convite para conhecermos outra possibilidade que se difere do PFpC, pelo fato de não apresentar um currículo próprio e nem uma metodologia preestabelecida. Dessa forma, podemos compreender a filosofia com crianças como uma relação “[...] de uma forma aberta e constitutiva de experiência de pensamento, na qual a criança é considerada naquilo que ela é:

uma criança real, que pode pensar sobre as coisas dela mesma e do mundo.” (Cirino, 2016, p.90).

O movimento de filosofia “com” crianças rompe com a proposta de Lipman (1990; 2001) e assume uma postura com foco nas experiências de pensamento vivenciadas por crianças e adultos durante sua docência na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Os motivos para essa dissolução nos são apresentados pelo filósofo em uma entrevista à Ana Corina Salas, (Kohan; Olarieta, 2012) ao ser questionado sobre sua saída de uma filosofia para crianças para uma filosofia com crianças. Ele indaga:

Há que ser justo e perceber que em um sentido a filosofia para crianças é também uma filosofia com meninos e meninas, no sentido em que se propõe um filosofar compartilhado com eles. Mas o que precisei reconsiderar é essa ideia de algo previamente estabelecido que há que dispor para a infância o que temos como o melhor modo possível de apresentação da filosofia. E mais ainda a própria ideia de filosofia e infância, o que entendemos por cada uma delas. (Kohan, 2012, p. 160).

As palavras de Kohan (2012) apontam que, embora a filosofia para crianças apresente o seu potencial filosófico, ela tende a desconsiderar como as relações entre a filosofia e a infância podem ser construídas por meio de suas sensibilidades, bem como sobre qual conceito de infância estariamos nos deixando conceber.

A substituição do conectivo “para” crianças pelo “com” crianças faz parte dos desdobramentos gerados a partir das dinâmicas vivenciadas no ensino de filosofia para crianças no tocante às práticas filosóficas com crianças, principalmente no Brasil, e apresenta características distintas do PFpC, cujas são:

a) Trabalha exclusivamente com a educação pública; b) é gratuito para os professores e escolas particulares; c) é um projeto teórico e metodológico experimental, não aplica a programas prontos; d) está associado a um projeto de integrado de pesquisa contínua sobre as possibilidades educacionais da filosofia; e) insere-se em escolas com projeto político- pedagógicos que favoreçam a efetiva autonomia do aluno e do professor; f) trabalha a partir dos projetos em desenvolvimento nas escolas; g) trabalha a formação permanente dos professores, na escola e na universidade; h) envolvem professores e alunos de três cursos: Filosofia, Pedagogia e Psicologia; i) afirma um conceito horizontal, não hierárquico, de interdisciplinaridade; j) integra extensão, ensino e pesquisa na formação de alunos de cursos de graduação da universidade. (Kohan, 2008, p. 88-89).

Conforme afirma Kohan (2008), a proposta de fazer filosofia com crianças, principalmente na escola, se mostra por viés experimental, sem ter nada pronto e acabado. A única prioridade a ser cogitada é a de um permanente processo de formação, onde estarão envolvidos docentes, escola e universidade. Percebemos, portanto, que para o filósofo, a filosofia na infância é um processo a ser construído “com” as crianças e não “para” as crianças.



Mas como seria fazer filosofia com crianças, quais os subsídios para a organização e prática filosófica? Em “Passos para andar o filosofar” (Kohan; Olarieta, 2016, p. 19), nos ensina como compor uma experiência filosófica, no entanto, essa composição não deve ser seguida como uma receita, mas como possíveis encaminhamentos para o filosofar. A composição de uma experiência segue os seguintes passos: uma disposição inicial; vivência (leitura) de um texto; problematização do texto e levantamento de temas/questões; escolha de temas/questões; diálogo; para continuar pensando.

Sob essa perspectiva, a filosofia apresenta saberes e fazeres filosóficos a serem construídos com a criança e não uma filosofia pensada para ser executada pela criança. Para Kohan e Waksman, a “[...] filosofia com crianças significa que a filosofia é algo que as crianças podem praticar e que ambos, ao final, se modificam nesse encontro [...]” (Kohan *apud* Cirino, 2016, p. 88).

Desta forma, a filosofia com crianças vai ocupando cada vez mais espaços no ramo da Filosofia e da Pedagogia. Sobre isto, Cirino (2016, p. 87–88, grifos do autor) destaca:

Considera necessária uma formação crítica e o contato direto dos/as educadores/as com essa proposta e materiais, bem como aponta para o importante papel das universidades. Nessas duas publicações Kohan; Waksman (2000) e Kohan (2008), mais detalhadamente na primeira, analisam criticamente esses desafios e problematizam a Filosofia para Crianças como proposta oferecida por Lipman e colaboradores/as, embora reconheçam seu valor e pioneirismo, apontam para uma alternativa de mudança da preposição “para” crianças do programa de Lipman para a preposição “com” crianças, evidenciando um trabalho já desenvolvido pelo professor Walter, nessa época, na Universidade de Brasília - UNB e outros/as pesquisadores/as em várias partes do mundo, criando outra dinâmica de trabalho de filosofia com crianças e especialmente não mais utilizando o currículo com as novelas filosóficas.

É evidente o zelo com a abordagem trazida por Kohan (2008), no que diz respeito à formação do vínculo entre o(a) professor(a) e a criança, na motivação do pensamento, na problematização de textos, para fomentar um direcionamento instigador na prática de filosofia com crianças.

Segundo Kohan (2002), ao praticar filosofia com crianças, procura-se oferecer oportunidades para as mesmas poderem estabelecer as condições necessárias ao desenvolvimento do pensamento, da argumentação e da construção de um ambiente baseado na confiança e na afetividade. O objetivo é tornar o processo de aprendizagem curricular mais relevante para as crianças, criando condições favoráveis à escuta, à leitura individual e coletiva, bem como ao ouvir, refletir e escrever, considerando o contexto em que estão inseridas e os materiais curriculares e lúdicos que lhes forem apresentados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conscientes do vínculo existente entre cinema e educação e de acordo com Duarte (2002), Napolitano (2003) e Silva (2007) apresentam experiências significativas para o fazer pedagógico, abandonando o papel de passatempo na sala de aula ou meramente transmissor de conteúdo, para ser na escola uma forma de ajudá-la “[...] a reencontrar a cultura ao mesmo tempo, cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (Napolitano, 2003, p.11).

Hoje em dia, a conexão entre cinema, educação e suas possibilidades já conta com respaldo legal, especificamente a Lei n. 13.006, que foi sancionada em 2014, ao adicionar ao artigo 26 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996), a exigência de exibir filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Valoriza o papel dos filmes não somente como um meio de entretenimento, mas também como uma oportunidade de aprendizado e formação.

No tocante ao fazer filosófico, já é de conhecimento da filosofia a sua relação com a linguagem cinematográfica e como o cinema se tornou “[...] a forma de arte mais popular, mais democrática que gera maior impacto na vida cotidiana de bilhões de seres humanos — é de se esperar que essa arte desperte grande interesse por parte de filósofas e filósofos [...]” (Techio, 2020, p. 16).

Essa aproximação da filosofia ao universo cinematográfico, visando uma educação subjetiva e focada em um pensamento significativo no ambiente escolar, favorece o diálogo entre o ensino e a aprendizagem filosófica entre os indivíduos, uma vez que o ato de pensar transcende as palavras e as imagens em movimento.

Assim, entre os conhecimentos práticos, conceituais e reflexivos relacionados à linguagem cinematográfica, podemos citar os “clubes de cinema ou cineclubes”, estes poderiam se tornar, entre tantas outras possibilidades, uma forma de contribuir para o encantamento dos indivíduos pela filosofia.

Resumidamente, cineclube “[...] é uma organização de pessoas que se unem para a apreciação de obras cinematográficas [...] para fins de estudos e debates e para exibição de filmes selecionados [...]” (Figueiredo, 2023, p. 5).

Os cineclubs e sua integração ao cinema na sociedade atual estão associados não só a uma atividade cultural e social. Para Gonçalves (2013), o movimento cineclubista carrega em sua essência e em suas origens uma vocação educativa, por não se tratar somente de um



movimento meramente para exibição de filmes, mas também na formação de espectadores, apreciadores e críticos da linguagem cinematográfica.

Conforme as ações de caráter cineclubista ou práticas cineclubistas se apresentarem como uma opção e ao serem planejadas, contribuem para um certo interesse por parte dos indivíduos que se encantem e se sintam estimulados a desenvolver olhares críticos e reflexivos em relação ao universo cinematográfico.

Seria plausível, diante dessas características no tocante aos cineclubs, desenvolver experiências de pensamento com crianças fundamentadas em vivências significativas em instituições educativas? As práticas cineclubistas apresentam uma dimensão filosófica?

Inquietos por essa possível vocação filosófica no tocante aos cineclubs e atraídos por esse encontro entre Educação, Cinema e Filosofia, questionamos: poderiam as práticas desenvolvidas nos cineclubs estar alinhadas a uma filosofia que valoriza a infância e coloca a criança como sujeito com a capacidade de vivenciar teórica e filosoficamente experiências de pensamento e assim despertar um pensar reflexivo?

Embora o ensino de filosofia desenvolvido com crianças no Brasil não faça parte do currículo do Ensino Fundamental na Educação Básica em escolas públicas, se considerarmos as crianças como indivíduos capazes de construir um pensar crítico, reflexivo, então oportunizar experiências de pensamento ou aproximar a filosofia das crianças é também uma responsabilidade da escola.

Kohan (2000) nos diz que a inserção da filosofia no ambiente educativo não é para pensar como mais uma disciplina a ser inserida no currículo, mas como práticas filosóficas que contribuem para “[...] abrir espaços curriculares para o diálogo, menos lecionadora, mais aprendiz” (Kohan, 2000, p. 102).

Então a escola, conforme está garantido legalmente pelos documentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional–LDB (Brasil, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular–BNCC (Brasil, 2017) reconhece a necessidade de elaborar práticas pedagógicas para fomentar aprendizagens significativas.

Novamente Kohan (2000) nos mostra como a filosofia na escola é relevante para o pensamento conceitual da criança e o que realmente

[...] importa que as crianças explorem sua imaginação (conceitual, mas não só.). Porém a criação de conceitos é apenas uma dimensão de nossa tarefa. Nos importa também explicitar, compreender, explorar, colocar em questão, problematizar os conceitos adquiridos, nem sempre refletidos [...]. (Kohan, 2000, p. 40).

Portanto, a filosofia na escola busca desenvolver nas crianças a exploração da imaginação, a pergunta, a argumentação coerente e a elaboração de conceitos nem sempre



abordados nas práticas pedagógicas, tendo contato com uma filosofia de forma criativa e reflexiva.

Com a criação de um cineclube no espaço escolar, as crianças da turma do 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante vivenciam experiências de pensamento a partir da inserção de práticas cineclubistas, possibilitando um despertar para um pensar filosófico, percebendo a escola como um espaço de ousadia, ressignificações de saberes e mútuas aprendizagens, para a construção de relações reflexivas sobre si e o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, pensar nos cineclubes e suas práticas como um lugar de entrecruzamento de diálogos e concepções de saberes, transformando todos os envolvidos a partir de situações apresentadas em filmes, seriam oportunidades para possíveis experiências de pensamento e assim estimular de certa forma uma “Competência do ver.” (Duarte, 2002).

Essa competência do ver é adquirida através da afinidade com o cinema, mas também pelas experiências culturais vivenciadas nos grupos sociais e no espaço escolar. Elas se fortalecem e se transformam em experiências significativas para a prática pedagógica, estimulando e tecendo a partir da exibição de filmes que se mostrarão além dos conteúdos escolares abordados nas disciplinas.

A criação de um cineclube no ambiente escolar constitui uma quebra com a metodologia de ensino centrada em conteúdo baseada em filmes, ao passo que reinterpreta o uso da linguagem cinematográfica nas instituições educacionais e incentiva práticas de uma educação mais flexível, conforme estabelecido e regulamentado por normas e leis, de acordo com a Lei n. 9.394 de 1996.

Ademais, com a promulgação da Lei n. A Lei 13.006/2014, no inciso 8º do Art. 1º, estabeleceu a obrigatoriedade de exibir filmes produzidos no Brasil por duas horas mensais nas instituições de ensino, pois isso é considerado um componente curricular complementar e parte integrante da proposta pedagógica da escola.

Mediante essas explanações sobre a importância dos cineclubes e como suas práticas cineclubistas tendem a transcender o papel de instrumento pedagógico, uma vez que exploram experiências dentro e além do ambiente escolar, funcionando como um local comum para a partilha de experiências e perspectivas, utilizando o cinema como mediador e ponto de partida.





Imaginar o que acontece na mente de uma criança ao ter contato com os aspectos imagéticos de um filme apresentados pelas práticas cineclubistas pode ser uma possibilidade de desenvolver um pensar contemplativo e experiencial. Confinar essa experiência somente para o momento da exibição do filme é limitar esse pensamento, é preciso ir além. Convidar, construir, ouvir, pronunciar, interrogar, constituir e transformar ou não, tudo que ficou para ser pensado pela criança antes, durante e após o filme.

Enfim, um encontro entre saberes e fazeres, concebido através do cinema, uma possibilidade para se pensar a filosofia com crianças. Um ingresso, um lugar, uma tela, uma escola, uma criança, um filosofar... um convite para a filosofia, um filosofar com crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei n. [9.394, de 20 de dezembro de 1996](#). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL, Lei n. 13.006, de 26 de junho de 2014. Altera legislação federal. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc.pdf>>. Acesso: 15 jun. 2025.

CABRERA, Julio. **O cinema pensa. Uma introdução à filosofia através dos filmes.** tradução Ryta Vinagre: Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CAMARGO, Cláudimir Pinheiro de. **Filosofia da infância e animação cinematográfica: um despertar ao pensar filosófico.** Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de União da Vitória - Programa de Pós Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). União da Vitória, 2022.

CANTALICE, Gizolene de Fátima Barbosa da Silva; CIRINO, Maria Reilda Dantas. Filosofia com crianças na Educação Básica – currículo e formação: um olhar em âmbito nacional. In: **V Encontro Nacional Anpof Educação Básica: A filosofia e o seu ensino**, 2023, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: NEFI, 2023, p. 145-163.

CIRINO, Maria Reilda Dantas. **Filosofia com Crianças:** cenas de experiências em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata Argentina). Rio de Janeiro/RJ: NEFI, 2016 (Coleção Teses e Dissertações: 2).

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco Abordagens.** Porto Alegre, RS: Penso, 2014

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

_____. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, v.1, p. 139-154, mar., 2002. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.

FIGUEIREDO, Hermano, BARBOSA, Regina; SEABRA, Carlos. **Cineclubismo: organização e funcionamento**. São Paulo: Oficina Digital; RECIFE: Vento Nordeste, 2023. E-book

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Educação. Série: Saberes Pedagógicos).

GONÇALVES, Beatriz Moreira de Azevedo Porto. **Cinema, educação e o Cineclube nas escolas: uma experiência na rede pública do sistema municipal de ensino do Rio de Janeiro**. 2023. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

KOHAN, Walter Omar; WUENSEL, Ana Míriam (Orgs.) **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Mathew Lipman**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina, RIBEIRO, Álvaro (Orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana (Orgs.). **A escola pública apostava no Pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana (Orgs.). **A escola pública apostava no Pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Ensino de Filosofia, 4).

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN; Frederick S. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

MENEZES, Luciana Bessa. **A arte do encontro: o cineclube na escola**. Revista entre Ideias, Salvador, v. 6, n. 1, p. 11-26, jan./jun. 2017.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 2011.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.